

Uma professora de educação física, uma servidora em licença, uma professora associada, uma profissional liberal, um orientador de pós-graduação: singularidades de um grupo de pesquisa em meio à pandemia da Covid-19¹

A Physical Education teacher, a server on leave, an associate professor, a liberal professional, a graduate supervisor: singularities of a research group in the midst of the Covid-19 pandemic

Una profesora de educación física, una servidora en licencia, una profesora asociada, un profesional liberal, un orientador de posgrado: singularidades de un grupo de investigación en medio a la pandemia de la Covid-19



Alex Branco Fraga

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: brancofraga@gmail.com



Daniela Meirelles Lagranha

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: dlagranha@hotmail.com



Ana Paula Dahlke

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
E-mail: anapauladahlke@hotmail.com



Adriane Vieira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
E-mail: adriane.vieira@gmail.com

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

**Andressa Marques da Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: dessa.marqs@gmail.com

Resumo: Neste ensaio refletimos sobre a produção de pesquisas e a vida de pesquisadores durante a pandemia a partir das experiências do grupo de pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (Polifes), sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Iniciamos situando as medidas administrativas adotadas pela UFRGS no enfrentamento dessa emergência político-sanitária. Depois, trazemos textos que retratam os impactos da Covid-19 na vida de pesquisadores e comentamos algumas produções no alvorecer da pandemia. Em seguida, elencamos cinco notas cartográficas de integrantes do Polifes, que refletem a vida em tempos de distanciamento acadêmico-social. Por fim, sublinhamos a importância da escrita solidária para lidar com o imponderável dentro desse contexto específico.

Palavras-chave: Educação de Pós-Graduação. Grupos de Pesquisa. Pandemia COVID-19. Vida.

Abstract: In this essay, we reflect on research production and on the life of researchers during the Covid-19 pandemic based on the experiences of the Education Policies in Physical Education and health (Polifes) group anchored at Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). We begin by situating the administrative measures adopted by the UFRGS to face this political-sanitary emergency. Then, we bring texts that portray the impacts of Covid-19 on the lives of researchers and comment on some productions at the beginning of the pandemic. Next, we list five cartographic notes from Polifes's members which reflect on life in times of academic and social isolation. Finally, we emphasize the importance of solidary writing to deal with the imponderable within this specific context.

Keywords: Education, Graduate. Research Groups. COVID-19 pandemic. Life.

Resumen: En este ensayo, reflexionamos sobre la producción investigativa y vida de los investigadores durante la pandemia a partir de las experiencias del grupo de investigación Políticas de Formación en Educación Física y Salud (Polifes), con sede en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Iniciamos situando las medidas administrativas adoptadas por la UFRGS en el enfrentamiento de la emergencia político-sanitaria. Continuamente, traemos textos que retratan los impactos de la Covid-19 en la vida de los investigadores y comentamos algunas producciones en el surgimiento de la pandemia. En seguida, enumeramos cinco notas cartográficas de miembros del Polifes, que reflejan la vida en tiempos de distanciamiento académico-social. Finalmente, destacamos la importancia de la escritura solidaria para enfrentar lo imponderable dentro de este contexto específico.

Palabras claves: Educación de Posgrado; Grupo de Investigación; Pandemia COVID-19; Vida.

Submetido em: 19-07-2021

Aceito em: 20-08-2021

Considerações iniciais

Em dezembro de 2019, confirmou-se o primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus em Wuhan, China. Em 30 de janeiro de 2020, em função do crescimento no número de países que reportaram casos confirmados, a OMS declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (CRODA; GARCIA, 2020). Em fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde apresentou um Plano de Contingência relativo à Covid-19, no qual definia os níveis de resposta (Alerta, Perigo Iminente e Emergência em Saúde Pública) e a estrutura de comando correspondente para cada nível de resposta (BRASIL, 2020).

Em 17 de março de 2020, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) publicou a Portaria n. 2286, suspendendo as atividades presenciais na instituição entre 16 de março e 5 de abril do mesmo ano, e a Portaria n. 2291, que orientava sobre providências adotadas nesse período excepcional. Ambas procuravam intensificar as medidas de prevenção da transmissão da Covid-19 e foram publicadas cinco dias depois de o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom, ter declarado que a contaminação pelo novo coronavírus passava ao estado de pandemia.

Em 27 de julho de 2020, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRGS, por meio da Resolução n. 25, estabelecia a regulamentação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) e apresentava o calendário dos procedimentos administrativos e operacionais referentes ao retorno às aulas nessa modalidade. Diferentemente de outras instituições, a UFRGS levou quatro meses debatendo a melhor forma de retorno às aulas. Condição de acesso à internet e a computadores, e adaptação dos planos de ensino e das avaliações para finalização do semestre foram alguns dos temas mais candentes desse período.

Em 19 de agosto de 2020, começaram as aulas na UFRGS no modo ERE, que passou a ser a forma mais segura de manter as atividades acadêmicas em meio ao caos instaurado no país pela

pandemia e, principalmente, pela deliberada omissão da administração federal no combate à Covid-19. Com a implantação do ERE, uma série de novas demandas sobrecarregou ainda mais o trabalho de docentes e discentes. Não se tratava de uma simples migração das aulas presenciais para as aulas remotas, mas de um pesado investimento no aprendizado de uma nova linguagem (ambiente virtual de aprendizagem, modo síncrono, assíncrono, etc.) e de uma nova forma de interação social, mediada pelo computador e conectada pela internet.

Em 29 de julho de 2021, a UFRGS publicava a Portaria n. 3725, prorrogando pela décima sétima vez, com algumas ressalvas, aquelas duas primeiras portarias que suspenderam as atividades presenciais em 17 de março de 2020. A cada nova prorrogação, a certeza de que a vida acadêmica, apesar do ERE, permaneceria em estado de suspensão por mais tempo do que se supunha.

A adaptação à vida remota alterou tarefas acadêmicas não tão visíveis ao público externo, como as atividades e o funcionamento dos grupos de pesquisa. O desenvolvimento de dissertações e teses, principalmente as que estavam na fase de produção de dados com participantes voluntários, foi diretamente afetado e os prazos de entrega dos trabalhos tiveram de ser adiados. Em tempos de ataques à ciência de todos os matizes, que ganhou contornos de política de governo com Jair Messias Bolsonaro na Presidência da República, abordar os efeitos da pandemia do novo coronavírus na organização dos grupos de pesquisa é uma forma de lidar com o caos político-sanitário-econômico-social que tem afetado a produção de conhecimento em âmbito universitário, bem como de atender ao chamado especial da revista *Pensar a Prática* intitulado “Covid-19 e os desafios para a Educação Física”.

Este ensaio, portanto, tem por objetivo traçar reflexões sobre a produção de pesquisas e a vida de pesquisadores durante a pandemia. Inspirado na cartografia, mapeamos algumas medidas adotadas pela UFRGS e algumas reflexões sobre este acontecimento pandêmico, tanto no que se refere a produções acadêmicas quanto a ensaios de filósofos e cientistas sociais. De modo

mais pontual, produzimos cinco notas² sobre o que fomos capazes de processar a partir das nossas experiências singulares no período e de expressar sob a forma de escrita.

Manifestações da vida acadêmica sob pressão da pandemia

Desde a decretação da pandemia pela OMS, várias têm sido as formas de manifestação provenientes do meio acadêmico. Dentro de uma perspectiva mais quantitativa, destacamos o levantamento feito pelo grupo *Parent in Science* (2021), que desde 2016 aborda a parentalidade e a desigualdade de gênero na ciência. Os resultados do levantamento demonstraram que a produção acadêmica de mulheres negras, com ou sem filhos, e a de mulheres brancas com filhos foi a mais afetada. Em contraponto, o grupo menos afetado foi o de homens brancos sem filhos. No que se refere aos discentes, 82% afirmaram que a pandemia estaria dificultando o progresso dos seus trabalhos de pesquisa e, conseqüentemente, a produção das teses e dissertações (STANISCUASKI *et al.*, 2021). Na mesma linha, uma pesquisa com pós-graduandos do curso de Direito da Universidade de São Paulo buscou verificar os efeitos da pandemia nas rotinas familiares, no trabalho e nas pesquisas. O estudo apontou que 95,9% dos 295 estudantes entrevistados tiveram suas rotinas familiares afetadas e 84,1% declararam ter adoecido psicologicamente, principalmente com transtorno de ansiedade. Além disso, 95,3% dos discentes afirmaram não ter mais as mesmas condições de dedicar-se aos estudos em comparação com o período pré-pandêmico (GOMES *et al.*, 2020).

A partir de uma abordagem qualitativa, Leite, Torres e Cunha (2020) analisaram os impactos acadêmicos da pandemia na vida de alunos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, particularmente de mulheres estudantes, constatando que estas tiveram maior

² Nota, no sentido atribuído por Rolnik (2019), como toda e qualquer produção singular que diz respeito ao que um sujeito é capaz de produzir a partir da reflexão sobre a própria experiência e, simultaneamente, da vazão do seu repertório linguístico.

dificuldade em conciliar suas vidas acadêmicas com as atividades domésticas e familiares. Segundo as autoras, com o deslocamento da vida acadêmica para o ambiente doméstico devido às medidas de enfrentamento da pandemia, pesquisadoras e pesquisadores tiveram que adaptar suas rotinas de trabalho, considerando os cuidados com a casa, filhos ou/e familiares idosos. Mesmo que homens e mulheres possam e devam compartilhar as funções de cuidado, historicamente as mulheres têm enfrentado jornadas de trabalho acumuladas com as funções da vida familiar, doméstica, acadêmica e profissional.

Na mesma lógica do trabalho anterior, Vianna e colegas (2020) elencaram pontos positivos e negativos da experiência de adaptação ao modelo remoto de um Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática e Etnociência da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Valendo-se dos recursos de tecnologia digital de comunicação disponíveis, o grupo manteve as reuniões de forma remota e percebeu algumas mudanças positivas, como: frequência maior no número de reuniões, maior participação de integrantes (devido à flexibilidade de horário e integração de residentes de diferentes municípios) e possibilidade de compartilhamento de arquivos e de telas. Entre os pontos negativos, destacaram-se a instabilidade das conexões via internet e a dificuldade em lidar com as novas tecnologias digitais de comunicação.

Ainda na linha do relato, as experiências de produção e vivência dos integrantes do Laboratório de Pesquisas em Memória e História da Educação da Universidade Federal do Pará durante a pandemia foram compartilhadas por Reschke, Pantoja e Dourado (2021). As autoras aplicaram aos integrantes do grupo um questionário virtual que, dentre outras questões, tratava das condições de estudo em ambiente doméstico e o significado do grupo para a aprendizagem durante a experiência de ensino remoto emergencial. Conforme as autoras, a experiência de pertencer ao grupo contribuiu de forma significativa para a redução da angústia causada pelo distanciamento social, já que a interação e o apoio

entre os integrantes colaboraram para a motivação de seguir com estudos e pesquisas.

No âmbito da UFRGS, dois *e-books* merecem destaque. O primeiro, organizado por Meneghel e colegas (2020), reúne um conjunto de textos de diferentes tipologias (conceitual, poético, testemunhal, performático, etc.) que põe em evidência a dimensão humana de docentes e discentes participantes de uma atividade do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva. De “caráter transgressor”, a obra se propõe a buscar compreender o fenômeno da violência intrafamiliar e de gênero por meio do compartilhamento de afetos, memórias, relatos de histórias e vivências de estudantes em diferentes níveis de vulnerabilidade (MENEGHEL *et al.*, 2020).

O outro *e-book*, organizado por duas professoras de história da educação da UFRGS (ALMEIDA; GIL, 2021), também está centrado no compartilhamento de experiências da pandemia vividas por estudantes do curso de Pedagogia e outras licenciaturas, que escreveram suas experiências individuais no modo diário aberto, um registro das memórias autobiográficas com o objetivo de enfrentar as agruras da pandemia e do isolamento.

Além da produção diretamente ligada à reação mais imediata da pandemia na vida acadêmica, esse evento extraordinário mobilizou autores dos mais variados matizes teóricos a produzir, também no “calor da hora”, ensaios que tratam de analisar este estado de suspensão da vida, dos quais destacamos apenas alguns deles para ilustrar essa primeira onda analítica.

Debates inaugurais sob estado de quarentena

Primeira onda: a emergência de uma nova realidade analítica

Em março de 2020, o livro *Sopa de Wuhan: Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias* (AGAMBEN *et al.*, 2020) é

lançado. A coletânea de textos³ reuniu 15 renomados autores, que avaliaram, de modo bastante diverso, o momento inaugural dessa emergência sanitária mundial. O primeiro ensaio, bastante controverso, é de Giorgio Agamben (2020) e foi publicado originalmente em 26 de fevereiro de 2020. Além de aventar a possibilidade de a pandemia da Covid-19 ter sido inventada, Agamben critica as medidas emergenciais adotadas na Itália para combater a epidemia de SARS-CoV-2. O autor considerou-as frenéticas e irracionais, uma vez que somente 4% das pessoas infectadas necessitavam de internação em UTIs. Afirma que não havia motivos para tanto alarde, apenas interesse da mídia e das autoridades em gerar um estado de pânico coletivo com vistas à redução da liberdade da população (AGAMBEN, 2020).

Em perspectiva diversa, Slavoj Žižek em seu ensaio com data de 27 de fevereiro de 2020 assinala que a pandemia do coronavírus desencadeou epidemias de vírus ideológicos há muito tempo latentes: notícias falsas, teorias da conspiração e explosões de racismo. Para Žižek (2020), a eclosão dessas epidemias ideológicas não seria algo passageiro; pelo contrário, teria força suficiente para em um só golpe produzir efeitos disruptivos, como a reinvenção de um comunismo livre da hegemonia chinesa e a derrocada do capitalismo internacional.

Já o texto de Byung-Chul Han foi originalmente publicado em 22 de março de 2020. Por ter sido escrito depois, o autor coreano dialoga com os textos de Agamben (2020) e, mais diretamente, com Žižek (2020), de quem discorda frontalmente. Para Han (2020), ainda que o primeiro caso da Covid-19 tenha surgido na China, o governo chinês acionou medidas mais eficazes para o controle da transmissão do coronavírus do que os governos europeus. De acordo com o autor, a população de países asiáticos é menos relutante e mais obediente a determinações coletivas do que na Europa. Portanto, o cumprimento das medidas de distanciamento social e de uso de máscaras, bem como a polêmica adoção da vigilância digital – também implementada em países liberais, como

³ Para uma ideia mais geral sobre a obra, ver a resenha “Sopa de ideias” (QUEIRÓZ, 2020).

Japão e Coreia do Sul –, tiveram uma excelente resposta. Dado o sucesso de tais medidas, Han (2020) concluiu que a influência chinesa no cenário mundial tende a aumentar, ao contrário do que previa Žižek (2020). No âmbito nacional, uma coletânea de estrutura similar ao livro Sopa de Wuhan, denominada Cientistas sociais e o coronavírus, foi lançada no segundo semestre de 2020. Organizada por Miriam Pillar Grossi e Rodrigo Toniol (2020), o livro reúne 148 textos, escritos entre 22 de março e 17 de julho de 2020 por cientistas sociais para um boletim diário⁴.

Gênero, religião, ensino à distância, ecologia, raça, políticas públicas, autoritarismo político e populações tradicionais, entre muitos outros, são os temas centrais dessa coletânea que tem 29 tópicos. De modo geral, os autores destacam, entre tantas temáticas, o recrudescimento dos ataques às universidades públicas brasileiras, perpetrados desde antes da pandemia da Covid-19, especialmente à reputação dos cientistas sociais. Nessa obra, predominam análises sobre negacionismo científico, combate a medidas não farmacológicas, indicação de medicamentos ineficazes e *fake news*, que levaram boa parte da população brasileira a não confiar nos protocolos sanitários recomendados e a relaxar os cuidados.

Essa situação de ruptura da normalidade, tão bem retratada nessas duas coletâneas ilustrativas desse momento inaugural, acentuou sintomas há tempos presentes em nossa sociedade, tornando ainda mais aguda a sensação de indeterminação a cada nova “onda pandêmica” que se anuncia.

Entre a onda que está por vir e os sintomas provocados pela vida em suspensão

Estamos vivendo um momento histórico em que a indeterminação tem gerado um estado de suspensão em diferentes esferas da vida. Conforme Byung-Chul Han (2021), a pandemia agravou o

⁴ Rodrigo Toniol e Miriam Grossi (2021), em artigo publicado na revista Horizontes Antropológicos, fazem um balanço da produção de cientistas sociais brasileiros no contexto da pandemia, e apontam como principal referência os textos publicados no “Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus”, reunidos posteriormente na referida coletânea organizada por ambos.

cansaço decorrente de condições de vida que já estavam presentes antes mesmo da pandemia. Para o autor, os modos de vida contemporâneos dão a ilusão ao sujeito de que ele é o seu próprio chefe, levando-o a explorar exaustivamente – e voluntariamente – a si mesmo em busca da melhora no desempenho e na imagem.

Exposição excessiva em redes sociais e/ou teleconferências tem gerado estresse e desconforto, pois mescla indiscriminadamente vida pública e privada. Paradoxalmente, não fosse essa mescla, não teria sido possível o contato virtual entre pessoas em distanciamento social e a adoção de estratégias institucionais para a manutenção das atividades básicas. Por outro lado, a precariedade de acesso à internet e a computadores não permitiu que a grande maioria da população brasileira sentisse esse tipo de estresse, mas escancarou a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais (FIOCRUZ, 2020).

É por isso que Singer e Rylko-Bauer (2021) defendem que esse período excepcional deveria chamar-se “sindemia”, e não pandemia, pois, tal como ocorreu com a Aids, os desdobramentos da Covid-19 atingem tanto a micropolítica quanto a macropolítica. Nessa perspectiva, Boaventura de Souza Santos (2020) destaca que a pandemia não apenas mata em maior número os mais vulneráveis (mulheres, trabalhadores autônomos, refugiados, população de rua, idosos, entre outros), como também os discrimina de modo mais intenso, uma vez que estes têm menos condições de enfrentá-la. Ele sublinha que “as pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências” (p. 28).

Essa fragilização do Estado abriu brechas para o surgimento de governos negacionistas como o de Bolsonaro, que desde o início da pandemia deliberadamente sabotou medidas sanitárias restritivas, algumas delas implementadas pelos próprios ministros que ocuparam a pasta da saúde durante o período pandêmico, bem como atrasou o processo de negociação de compra de vacinas, o que acabou provocando a propagação do vírus e o aumento vertiginoso do número de mortos, tal como aponta o relatório do

Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (Cepedisa), da Faculdade de Saúde Pública (FSP), da Universidade de São Paulo (USP) (FERREIRA *et al.*, 2020).

Ainda não dá para saber até quando seguiremos em estado de suspensão e quais serão os efeitos dessa condição a longo prazo. Fisseha e colaboradores (2021) sinalizam que para controlar a Covid-19 será fundamental enfrentarmos determinantes estruturais e sociais de desigualdade de gênero, afirmando que conceitos como os de proteção social, cuidado, interdependência e saúde terão que ser discutidos e deverão ter mais espaço na agenda política. Contudo, é difícil apreender em tempo real os rumos de eventos dessa magnitude, principalmente em contextos complexos e catárticos. Nesse momento, talvez seja mais prudente expor modos particulares de enfrentamento do que arriscar fazer alguma previsão pós-pandêmica.

Apoiados no conjunto de reflexões acima apresentado, optamos pela produção de notas inspiradas nos saberes cartográficos (KASTRUP; PASSOS, 2013; ROLNIK, 2019). Partimos dos modos pelos quais cinco integrantes do grupo de pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (Polifes) rascunharam o que lhes ocorreu entre março de 2020 e junho de 2021 para refletir sobre a vida acadêmica em tempos de pandemia.

Cinco notas para rascunhar a pandemia

Nota 1: uma professora de Educação Física, doutoranda ingressante, puérpera

A emergência do distanciamento social para combater a disseminação da Covid-19, seguida das adaptações nas rotinas profissionais, acadêmicas e domésticas, trouxe dificuldades no estabelecimento de limites para diferenciar os tempos de cada uma dessas três esferas da vida.

Sou professora de Educação Física e atuo na Educação Básica de uma administração pública municipal. Logo no início da pandemia, a rotina profissional começou a ser desenvolvida no ambiente doméstico, estendendo-se até maio de 2021. A implementação do ensino remoto na rede municipal obrigou-me a utilizar meus próprios recursos (*notebook*, celular, internet) para trabalhar. Tive que pesquisar e aprender a utilizar uma série de ferramentas tecnológicas para dar aulas de Educação Física e adaptá-las para os alunos que retiravam material impresso na escola. O contato com a escola, pais e alunos dava-se via *Whatsapp*, o que acabou levando o trabalho para outras esferas da minha vida pessoal, com invasão de mensagens nos grupos todos os dias da semana em qualquer horário.

Quanto ao doutorado, participei da seleção remotamente entre agosto e novembro de 2020. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS e no Polifes, no final de novembro de 2020, descobri, acidentalmente, uma gestação. Até o momento não houve retorno presencial, e por isso ainda não pude participar de aulas ou reuniões do Polifes nas dependências da Universidade, nem encontrar o orientador e colegas do grupo de pesquisa presencialmente. Por ocasião da readequação do calendário do PPGCMH, fiz em modo ERE dois semestres em menos de oito meses e participei de várias atividades virtuais: aulas, reuniões do grupo de pesquisa, bancas de dissertações/teses e eventos online. Apesar dessa dinâmica, sinto falta de um vínculo mais efetivo com o Programa e com o grupo de pesquisa, pois pertencer, para mim, está intimamente ligado à presencialidade.

Com a maternidade, minha preocupação com a contaminação pela Covid-19 aumentou sobremaneira, uma vez que gestantes e puérperas fazem parte do grupo de risco e têm uma taxa de mortalidade maior em comparação com a das demais mulheres. A demora na vacinação fez com que meus pais e sogros não pudessem visitar o neto e compor a minha rede de apoio; portanto, desde que meu bebê nasceu, as tarefas e cuidados têm sido realizados

por mim e meu companheiro. Neste momento, digito esta nota com uma mão, pois com a outra seguro o bebê. Longe de romantizar esta situação, trago-a para ilustrar o desafio de ser mãe-puerpera, doutoranda em fase inicial e professora, condição que, no contexto da pandemia, ganhou traços soturnos e solitários.

Nota 2: Uma servidora em licença, doutoranda afastada, mãe

Em meados de março de 2020, na reta final de um longo tratamento contra o câncer, descoberto ainda na gestação do meu primeiro filho, já com a sensação de plenitude pela cura vindoura, eu iniciava os primeiros movimentos de retorno à vida normal. Procurava por creches, observava as possibilidades de deslocamento no trânsito e preparava-me para a última cirurgia, para seguir em frente. Contudo, a emergência da pandemia suspendeu todas as atividades, até mesmo uma cirurgia de reconstrução de mama pós-câncer. A partir daí, não havia escolha, senão permanecer espectadora dos acontecimentos e manter a vida em suspenso por mais um tempo.

Realizei a cirurgia em julho de 2020, quando as taxas de ocupação dos leitos hospitalares diminuíram. Nesse período, a UFRGS organizava-se para iniciar o primeiro semestre de 2020 em modo remoto. O retorno ao doutorado só foi possível no segundo semestre de ERE, no final de 2020, quando, enfim, fui liberada pela equipe de saúde.

O retorno às atividades acadêmicas significou ajustar os cuidados da rotina da casa e do meu filho, uma vez que as escolas não haviam retornado ao modo presencial. Em meio ao isolamento social, sem rede de apoio, conciliar as demandas das aulas síncronas, dos trabalhos de pesquisa e da vida doméstica tornou-se um desafio. O lar, que outrora significava refúgio e descanso, converteu-se em novo ambiente de trabalho, de reuniões e de pesquisa. A Universidade ocupou a minha casa, inserindo-se no preparo das refeições, nas trocas de fraldas, nas brincadeiras infantis, tendo produzido momentos interessantes em meio aos risos e choros

de criança, latidos de cachorro, panelas de pressão, máquina de lavar, sustos ocasionados por pequenas distrações no cuidado de um menino de dois anos e culpa materna por deixá-lo mais tempo do que o recomendado em frente às telas.

Um novo desafio veio quando meu companheiro foi infectado pela Covid-19. Nos primeiros sintomas dele, meu filho e eu nos isolamos e conseguimos evitar a contaminação. Isso trouxe para dentro de casa um pouco da angústia que milhares de brasileiros têm vivenciado: medo da doença e da falta de atendimento nos centros de saúde superlotados, reverberando o que muitas famílias passaram ou ainda estão passando na pandemia.

Contudo, apesar das adversidades, sobrevivemos! Sigo buscando formas de reinventar e adaptar a vida, a existência, a rotina, os cuidados da casa e da “cria”, a pesquisa e a ciência possíveis a partir daqui, do meu pedaço, com todos os percalços e afetos que um lar de criança pequena abriga, tendo ao fundo os contornos trazidos pela pandemia.

Nota 3: Uma professora associada, pesquisadora, pós-doc interrompido

Há apenas um mês do início do pós-doutorado em *Auckland*, quando novos laços e propostas de trabalho começavam a ser semeados, os rumores de que as universidades do país ficariam fechadas durante o primeiro semestre tomaram conta das conversas nos corredores. Poucos dias depois, Jacinda Ardern detalhou as regras do *lockdown* que pararia o país por um tempo que ainda não era possível determinar. A primeira-ministra, sem nunca perder o tom afetuoso, reconheceu que as medidas de seu governo eram amargas, mas necessárias para preservar a vida de todos os neozelandeses.

Em meio à turbulência do momento, em um gesto de cuidado, Ardern convidou as crianças a colocarem seus bichos de pelúcia na janela para lembrar a quem solitariamente circulava pela rua que elas estavam em casa com suas famílias para cuidar de todos

– um cenário que acalentou minha última caminhada pela cidade. Em primeiro de abril, embarquei para o Brasil com a ajuda da Embaixada brasileira. A partida foi acompanhada pelo desapontamento por tudo que não foi possível concretizar e pela impossibilidade das despedidas, mas também pelo alívio de conseguir voltar para casa em tempos tão incertos, no último voo de 2020 entre a Nova Zelândia e a América Latina.

Depois de chegar a Porto Alegre, iludida de que em dois meses estaríamos de volta à normalidade, novas rotinas de trabalho foram se estabelecendo, apesar da suspensão de muitos dos rituais da vida. A espera pelos encaminhamentos da Universidade, a reconfiguração das disciplinas e a indefinição de quais projetos seriam executados nesse contexto de tantas perdas simbólicas e humanas não permitiram encaminhar como esperado as produções acadêmicas em 2020. Entretanto, essa nova configuração de encontros virtuais estimulou um maior envolvimento não somente com as atividades do Polifés, mas também com pesquisadores de outros estados e países, ampliando a rede de trabalhos e projetos. Quando penso em tudo que vi e vivi nestes meses, noto que, apesar da impossibilidade de estar junto a entes queridos e de horas infindáveis em frente ao computador, como professora de uma universidade pública, me encontro em um lugar privilegiado neste país de tantas desigualdades.

Nota 4: Uma profissional liberal, fisioterapeuta, doutoranda sem bolsa

Mulher, profissional liberal, doutoranda sem bolsa – estas eram as minhas condições de enfrentamento da Covid-19. Com a suspensão das atividades laborais devido ao isolamento social, questionava-me se teria condições emocionais e financeiras de escrever uma tese. Contudo, no dia 24 de abril de 2020, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) autorizou, pela Resolução nº 516, Teleconsulta, Teleconsultoria e Telemonitoramento, o que me garantiu certa possibilidade de receber algum aporte financeiro neste período.

Tal normativa permitiu a realização de atendimentos online, emergindo, com isto, outros saberes e fazeres que não dependiam do toque físico, prática comum em atendimentos fisioterapêuticos. Para aprimorar minha comunicabilidade na condução dos telemonitoramentos, participei de cursos online de saúde planetária e de filosofia, saberes que me ajudaram a entender a importância de o encontro terapêutico ser produzido em cocriação, indo além do autocuidado. Também comecei a produzir conteúdo para redes sociais, em vídeos e escritos, para que as pessoas tivessem outros recursos para acessar fora do momento do telemonitoramento. Ressalto que a maioria dos atendimentos era direcionada a ministrar aulas de Pilates, o que facilitava que a condução fosse online.

Olhando retrospectivamente, confesso que os desdobramentos da pandemia não foram tão avassaladores quanto no início pareciam e que muitos dos meus medos não se concretizaram. Apesar de ainda estar apreensiva com o que está por vir, foi possível criar outros modos de ser fisioterapeuta. Não é possível prever se, com o término da pandemia, o telemonitoramento continuará; no entanto, esta experiência pode levar à emergência de outro modo de saber-fazer fisioterapia, no qual o toque físico perde o seu protagonismo, abrindo espaço para a interlocução, condição que foi fundamental na realização do encontro terapêutico, sobretudo na perspectiva de promoção da saúde em tempos pandêmicos. Porém, vale lembrar que o telemonitoramento foi uma medida emergencial e que não substitui o atendimento presencial, sendo outro modo de efetuar a fisioterapia.

Nota 5: Um orientador de pós-graduação, editor de revista, pai

Fechamos o ano 2019 com duas grandes realizações acadêmicas nas dependências da ESEFID/UFRGS. Entre os dias 28 e 29 de novembro, o Fórum Nacional de Editores das Revistas Científicas da Educação Física, evento alusivo aos 25 anos da Revista Movimento, contou com a presença de Peter Donnelly, professor da *University*

of Toronto (UofT), na conferência de abertura. Em 13 de dezembro, o evento comemorativo aos 10 anos do Polifes reuniu professores parceiros, integrantes e ex-integrantes do grupo, em três mesas temáticas sobre momentos marcantes da nossa história. Apesar dos ataques às universidades públicas por parte do governo federal, o balanço dos dois eventos indicava um 2020 promissor, tanto para os rumos da revista, que se consolidava no cenário internacional, quanto para o grupo de pesquisa, que revigorava energias para novos projetos em rede.

Com a suspensão das atividades na UFRGS, em 17 de março de 2020, uma esperança ingênua de retorno breve à normalidade veio à tona. Minhas aulas na graduação, como de costume, já estavam quase todas disponíveis no *Moodle*, por isso, consegui manter contato com estudantes nas duas semanas subsequentes à paralisação. O trabalho de editor da Revista Movimento, por ser todo online, não parou; pelo contrário, houve aumento considerável da demanda de submissões no primeiro semestre de 2020. Muitas das sessões de orientação de mestrado e doutorado em curso, por termos no grupo muitos integrantes de fora da cidade de Porto Alegre/RS, já eram realizadas de modo remoto. Em suma, pairava no ar uma falsa sensação, decorrente do privilégio das funções que exerço, de que seria possível segurar as pontas até o retorno.

A repetida prorrogação das portarias de suspensão da UFRGS, o retorno das aulas em modo ERE e o aumento exponencial do número de contágios e mortes provocados pela Covid-19, associados à incompetência do governo no manejo da pandemia, pesaram consideravelmente. Em casa, a indeterminação de limites entre a vida laboral e o espaço do lar, entre o professor-orientador-editor de revista e o marido-pai, não deixava dúvidas de que a pandemia já não estava mais só do lado de fora da porta. Ela veio para ficar por um período muito maior do que se imaginava, afetando de forma desigual colegas, servidores e, principalmente, estudantes universitários.

Considerações finais

A suspensão das aulas presenciais na UFRGS, o mapeamento dos impactos na produção acadêmica e as distintas leituras que nos capturaram no processo de produção deste ensaio, permitiu-nos refletir sobre esse estado de suspensão que tem assombrado a vida acadêmica nesse período extraordinário. Por meio desta escrita coletiva, procuramos refletir sobre os impactos da pandemia em grupos de pesquisa a partir das experiências de cinco integrantes do grupo Polifes. Um movimento que além de fortalecer laços de pertencimento – até então subsumidos na luta por sobreviver ao caos político-sanitário, também potencializou o lugar de fala e os modos de enfrentamento de cada um e cada uma de nós.

Ao atendermos ao chamado da revista “Pensar a Prática”, procuramos compartilhar as formas de ver a si mesmo e a de reinventar rotas de (re)existência para atravessar esse evento inusitado. Ao darmos visibilidade aos modos de viver a pandemia de cinco integrantes deste grupo de pesquisa, em articulação com os textos que fizeram a nossa cabeça nesse meio tempo, buscamos mostrar que a escrita solidária é um modo potente de encarar as demandas acadêmicas no seio da rotina familiar, doméstica e profissional, como também de lidar com o imponderável neste momento histórico.

Referências

AGAMBEN, G. *et al.* **Sopa de Wuhan:** Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. 1. ed. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). 2020, p. 188. Disponível em: <https://bit.ly/sopadewuhan>. Acesso em: 18 ago. 2021.

AGAMBEN, G. La invención de una epidemia. *In:* AGAMBEN, G. *et al.* **Sopa de Wuhan:** Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. 1. ed. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y

Obrigatorio), 2020, p. 17-19. Disponível em: <https://bit.ly/sopa-dewuhan>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ALMEIDA, D.B; GIL, N.L. **Entre ansiedades e esperanças:** narrativas de estudantes em meio a uma pandemia/Dóris Bittencourt Almeida, Natália de Lacerda Gil (Organizadoras); Monção, Vinícius (Ilustrador). - Porto Alegre: UFRGS, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/219585>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública COE-COVID-19. **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo Novo Coronavírus COVID-19.** Brasília, 2020. 26 p.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. Resolução 20 de março de 2020. **Teleconsulta, Telemonitoramento e Teleconsultoria.** Diário Oficial da União, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=15828>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CRODA, J. H. R; GARCIA, L. P. Editorial: Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde.** v. 29, n. 1, 2020.

FERREIRA, A. B. *et al.* **Boletim n. 10 - Direitos na pandemia mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil.** Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA), São Paulo/SP, 2020, 42 p. Disponível em: <https://sfp.short.gy/ey1fZz>. Acesso em: 05 ago. 2021.

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Desigualdade social e econômica em tempos da Covid-19. **Informe Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca,** Fundação Oswaldo Cruz, Manguinhos, Rio de Janeiro, 13 mai. 2020. Disponível em: <https://sfp.short.gy/2jcsuh>. Acesso em: 07 jul. 2021.

FISSEHA, S. *et al.* COVID-19: the turning point for gender equality. **The Lancet,** July 16, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)01651-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)01651-2). Acesso em: 18 ago. 2021.

GOMES, J. D. G. *et al.* Impactos da pandemia nas pesquisas dos pós-graduandos. **Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, set., 2020. Disponível em: <https://sfp.short.gy/Y6Oexi>. Acesso em: 16 jun. 2021.

GROSSI, M.P; TONIOL, R. **Cientistas sociais e o Coronavírus /** Miriam Pillar Grossi e Rodrigo Toniol (organizadores), São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. 718 p.

HAN, B. C. La emergencia viral y el mundo de mañana. *In:* AGAMBEN, G. *et.al.* **Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.** 1. ed. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 97-111. Disponível em: <https://bit.ly/sopadewuhan>. Acesso em: 18 ago. 2021.

HAN, B. C. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. **Seguinte: notícia bem tratada**, 3º neurônio - ideias, Gravataí, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://sfp.short.gy/uOuQtc>. Acesso em: 07 jul. 2021.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Rev. Psicologia**, v. 25, n. 2, Maio/Ago, 2013. p. 263-280. Disponível em: <https://sfp.short.gy/IMW2gV>. Acesso em: 08 jul. 2021.

LEITE, M.L.S; TORRES, G.G.S.; CUNHA, R.D.T da. Entre sonhos e crises: esquadrinhando os impactos acadêmicos da pandemia por COVID-19 na vida de pós-graduandas(os) brasileiras(os). **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 1, n. 2, p.07-28, out./dez., 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MENEGHEL, S.N. *et al.* **Antimanual para enfrentar a Covid-19: falando de medos, angústias e violências /** Organizadores: Stela Nazareth Meneghel, Ana Lucia Gomes, Bruna Pereira Meneghetti, Karolline da Silva Silveira e Rafael Henrique Flores Ribeiro; Prefácio de Alcindo Antônio Ferla e Silvia Duarte. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. Disponível em: <https://sfp.short.gy/ToDQ9T>. Acesso em: 10 ago. 2021.

QUEIROZ, P. H. S. Uma sopa de ideias. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 6, e00108220, 2020. Disponível em: <https://sfp.short.gy/hz6qgw>. Acesso em: 10 ago. 2021.

RESCHKE, M. de A.; PANTOJA, S. M.; DOURADO, V. B. Aprendizagem em história da educação e pandemia: a experiência do LAPEM em tempos de quarentena. **Anais da 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte**. 2021. Disponível em: <https://sfp.short.gy/puzRHK>. Acesso em: 04 jul. 2021.

ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. n-1 edições, 2019. 208 p.

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. 1. ed. Edições Almedina: Coimbra, 2020. 32p. Disponível em: <https://sfp.short.gy/lQwkX4>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SINGER, M.; RYLKO-BAUER, B. The Syndemics and Structural Violence of the COVID Pandemic: Anthropological Insights on a Crisis. **Open Anthropological Research**, vol. 1, no. 1, 2021, pp. 7-32. <https://doi.org/10.1515/opan-2020-0100>

STANISCUASKI, F. *et al.* Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: from survey to action. **Frontiers In Psychology**, v. 12, 1640 p., 12 maio 2021. Disponível em: <https://sfp.short.gy/CQ8J1H>. Acesso em: 04 jul. 2021.

TONIOL, Rodrigo; GROSSI, Miriam. How Brazilian social scientists responded to the pandemic. **Horizontes Antropológicos**, v. 27, p. 307-336, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100016>. Acesso em: 10 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Reitoria. Portaria nº 2286, de 17 de março de 2020. **Suspende atividades presenciais de ensino na Universidade**. Porto Alegre, RS, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://url.gratis/xCmRH4> Acesso em: 04 jul. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Reitoria. Portaria nº 2291, de 17 de março de 2020. **Orienta sobre**

providências em período excepcional. Porto Alegre, RS, 17 mar. 2020. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cepe/portaria-n.-2291-de-17-03-2020>. Acesso em: 04 jul. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 25, de 27 de julho de 2020 (CEPE). **Estabelece a seguinte regulamentação de ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (ERE), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, RS, 27 jul. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/212518>. Acesso em: 05 jul. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Reitoria. Portaria nº 3725, de 29 de julho de 2021. **Prorroga a vigência das Portarias nº 2286 e 2291, ambas de 17 de março de 2020 e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/PortariaCOVID29jul.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

VIANNA, M. de A. *et al.* Reuniões virtuais do grupo de pesquisa em Etnomatemática e Etnociência da UFRRJ em tempos de pandemia: um relato de experiência. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://sfp.short.gy/qy64Dz>. Acesso em: 03 jul. 2021.

ŽIŽEK, S. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill. *In*: AGAMBEN, G. *et al.* **Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias.** 1. ed. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 21-28. Disponível em: <https://bit.ly/sopadewuhan>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.